

DOSSIÊ 3

**ANTICRISTO: UMA INFLUÊNCIA OU PESSOA?
APONTAMENTOS SOBRE SUA IDENTIDADE**

Luciano Azambuja BETIM*

RESUMO: Entre os assuntos de destaque na escatologia cristã, surge a figura do anticristo. Neste artigo propomos alguns apontamentos teológicos sobre sua identidade. Anticristo, uma influência ou uma pessoa? Na perspectiva da escatologia protestante, conforme aponta pesquisa bibliográfica, várias são as possíveis respostas: um princípio do mal; o mal como uma instituição; e por fim o mal como uma pessoa personificada.

PALAVRAS-CHAVE: Anticristo; Escatologia; Instituição do mal; Pessoa.

* Mestrando em Teologia pela PUC-PR; Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela FABAPAR; Graduado em Teologia pela FEPAR; Pastor Presbiteriano (IPB); Email: lucianobetim@outlook.com.br

INTRODUÇÃO

De modo geral o ser humano mantém um interesse pelos eventos futuros e seus mistérios. Em teologia esses assuntos fazem parte daquilo que é denominado de “escatologia”. Millard Erickson (2011, p.67) define escatologia como o “estudo das últimas coisas ou do futuro de modo geral”. Trata-se, então, do estudo do que acontecerá na consumação, mais especificamente a respeito da vinda de Jesus (YOUNGBLOOD, 2004, p.484). Envolve não somente a pessoa, mas também a igreja, ou seja, escatologia pessoal e a escatologia geral.

Dentre os variados temas do pensamento escatológico, principalmente no Novo Testamento, emerge a figura do anticristo. Desde o início do cristianismo se tem debatido sobre sua identidade. Anticristo, quem é ele? Uma influência do mal? O mal como uma instituição? Ou uma pessoa com uma identidade específica? Juntamente com essas questões surgem outros assuntos, com destaque para as atividades do anticristo em seu tempo de ação.

Considerando o exposto acima, este artigo tem como objetivo geral fazer um breve apontamento da figura do

anticristo na escatologia cristã, conforme a visão do protestantismo histórico. Entre os objetivos específicos buscaremos entender o sentido do termo “anticristo”, bem como listar as principais interpretações de sua identidade. Os resultados da pesquisa apontam o anticristo como uma influência do mal, agindo por meio de instituições, vindo ser finalmente personificado numa pessoa no final dos tempos.

Como procedimento metodológico utilizaremos a revisão de literatura, por meio de autores originários da tradição da tradição protestante histórica. Inicialmente abordaremos o termo anticristo, buscando entender seu significado. A seguir, recorreremos a uma do anticristo como um princípio do mal. Também analisaremos a influência do anticristo agindo por meio do mal institucionalizado. E, em último lugar, o anticristo como uma encarnação do mal agindo por meio de uma pessoa específica no final dos tempos.

1. PASSAGENS BÍBLICAS E SENTIDO DO TERMO “ANTICRISTO”

Várias referências são encontradas nas Sagradas Escrituras sobre à ideia de um “anticristo” ou vários “anticristos”. Entretanto, a palavra “anticristo” ocorre apenas em 1 João 2.18,22; 4.3 e 2 João 7. Essa última referência diz: “De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo” (2Jo 1.7 - NVI). O texto aponta algumas características do anticristo.

Contudo, há vários outros textos falando do anticristo:

Elas começam com a “semente” da serpente (Gn 3.15) e terminam com a “besta” (Ap 20.10). As mais importantes são o “pequeno chifre (ou ponta)” no quarto animal de Daniel 7.7ss; o “príncipe que há de vir” (Dn 9.26); o “assolador” (Dn 9.27); o rei que fará conforme a sua vontade de Daniel 11.36-39; o “homem do pecado” e o “filho da perdição” como também o “iníquo” (2 Ts 2.3,8); e a “besta” (Ap 11.7; 13.2ss). Jesus referiu-se ao Anticristo como alguém que estabelecerá um ídolo no Templo de Deus, nos dias que antecedem sua segunda vinda (Mt 24.15) [...] (CULVER, 2006, p.141).

Antes de qualquer tentativa de se descobrir a identificação do anticristo, é preciso olhar o sentido do termo. O significado da palavra grega *antichristos* aponta para aquele que é contra Cristo ou se coloca no lugar de Cristo, assumindo então tanto oposição quanto forma exterior (VINE et al., 2002, p.401). A ideia de oposição a Cristo tem ocorrido com frequência na história, por meio de personagens que argumentam ser o próprio Cristo.

Além da definição baseada no termo grego, é interessante olhar através da perspectiva teológica. Para Erickson (2011, p.15) se trata daquele “opponente e impostor de Cristo [...] parece ser um espírito presente por toda a era da igreja [...]”. Uma outra definição entende se tratar do arquioponente de Deus e do seu Ungido, agindo contra e em lugar (HUBBARD, 2009, p.81). Nesse último apontamento, a oposição é tanto quanto a Deus quanto ao Filho.

De modo que, conforme indicam as citações acima, tanto o significado do termo grego quanto as definições teológicas apontam para duas coisas: oposição e identidade. Oposição, no sentido de se colocar no lugar do verdadeiro Cristo, e uso falso

de identidade, assumindo a falsa ideia da encarnação de Jesus Cristo. Os capítulos seguintes lidam com a questão da identificação do anticristo, seja ele uma força ou uma pessoa.

2. ANTICRISTO COMO UM PRINCÍPIO DO MAL

Na história da Igreja, várias foram as tentativas de se entender o conceito teológico ou identidade do Anticristo. Por exemplo, Robert Culver indica pelo menos três possibilidades: o anticristo como um princípio do mal; o anticristo como instituição do mal; o anticristo como uma pessoa do mal (2006, p.141). É possível um fundo de verdade nas três formas de entendimento, não sendo desse modo aconselhável um posicionamento dogmático.

Em primeiro lugar o entendimento do anticristo como um princípio do mal. De acordo com essa corrente, trata-se de uma certa personificação do mal, porém não temporal, alguma coisa ligada com as forças do mal oriundas de Satanás em oposição a forças do bem em Cristo (HUBBARD, 2009, p.84). Esse parece ser aquele dito por João: “Filhinhos, esta é a última

hora; e, assim como vocês ouvirem que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido (1Jo 2.18 – NVI).

Ao comentar esse texto, escreve um biblista:

É sabido que o fim dos tempos seria anunciado pela aparição do anticristo; mas, diz João, seu espírito já está em circulação no mundo. Esses falsos mestres são seu povo e repartem seu espírito; eles são anticristos, e sua iniciação (ORR, 2009, p.2191).

Levando em consideração os textos e citações dessa linha de pensamento, o anticristo está mais relacionado com a influência de Satanás sobre diversas pessoas. Isso ocorre principalmente por meio dos falsos mestres que rondam a igreja de Cristo.

Esse alcance da ação satânica, como um princípio do mal, se fez presente desde dos tempos de João, chegando até os dias atuais. O próprio Jesus alertou seu povo quando pronunciou: “Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos” (Mt 24.5 – NVI).

3. ANTICRISTO COMO UMA INSTITUIÇÃO DO MAL

Uma segunda forma de interpretar a identidade do anticristo, entende que sua presença ou atuação se dá por meio de instituições que carregam em si elementos do mal. Para Culver (2006, p.141), o Império Romano, o papado, a religião Islâmica, foram entendidos por intérpretes da linha preterista na escatologia, como sinais do anticristo.

Na concepção de Smith Wilbur (2006, p.155), a escola preterista entende os eventos do Apocalipse como ocorrendo nos tempos em que foi escrito. Ou seja, olha para o tempo presente quando escrito, e passado do ponto de vista do leitor moderno.

Um olhar sobre Apocalipse 13 e 17.10-12 parece indicar o anticristo como instituição do mal:

Parece que João dá a subentender que a impiedade selvagem [...] incorporada num reino; a besta, embora tenha algumas características pessoais, é mais do que uma pessoa; suas sete cabeças são sete reis (Ap 17.10-12). A própria besta é um oitavo rei, que vem de um dentre os sete. Este quadro complicado sugere que a besta simboliza o poder mundano, O espírito contrário a Deus, de uma ambição nacionalista [...] (HUBBARD, 1999, p.83).

Nos tempos da Reforma esse debate se acentuou sob a Teologia de Lutero e Calvino. Na concepção dos reformadores, Roma como instituição papal era a personificação do anticristo, pensamento esse que foi rebatido por líderes católicos, invertendo a acusação, fazendo do protestantismo o anticristo (HUBBARD, 2009, p.84).

Segundo Berkhof, não há como identificar o Papado como o anticristo, embora admita que seja possível que hajam nele elementos do espírito do anticristo (2012, p.647). O fato é que o texto de 1 João 2.18 anunciava já nos tempos apostólicos que muitos anticristos haviam surgidos.

O conceito do anticristo como uma instituição do mal não se restringe apenas à escola de interpretação preterista, mas também é defendido por estudiosos de linha escatológica futurista, como aparece no comentário a seguir:

[...] Jerusalém tinha caído, e a Roma anticristã já estava fechando o cerco no seu combate mortal contra a igreja [...] Há períodos em que o fim chega evidentemente muito perto, mesmo que no passar do tempo a crise diminua e recue. Os períodos do surgimento do Islã, a Reforma, as Guerras

Napoleônicas e a época presente são exemplos de tempos carregados do destino (ORR, 2009, p.2192).

O Novo Testamento enfatiza a escalada do mal no mundo. Paulo argumenta: “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1Tm 4.1 – NVI). O povo de Deus deve manter essa consciência de que a situação vai se deteriorar cada vez mais, caminhando para uma grande apostasia causada, marca registrada da ação satânica (NUTE, 2009, p.2056). O aumento constante da maldade se dá pela ação do espírito do anticristo agindo através do mal institucionalizado.

4. ANTICRISTO COMO UMA PESSOA

A terceira forma interpretativa, na busca pela identificação do anticristo entende se tratar de uma pessoa do mal, com uma identidade específica. Jesus já havia advertido, em seu discurso escatológico, sobre a vinda dos falsos Cristos (Mt 24.5). É fato que nos primeiros anos do cristianismo não

ocorreram todos os sinais apontados por Jesus, entretanto apareceu o primeiro personagem o qual se intitulou de anticristo, conhecido historicamente como Bar Cochba (ELLISON, 2009, p.1589). Embora revolucionário, não foi um personagem de muito sucesso em sua empreitada messiânica.

Nas cartas do Novo Testamento, especialmente nas paulinas, o anticristo é denominado de “[...] o homem do pecado, o filho da perdição” (2Ts 2.3 – NVI). Quem seria esse personagem? Entre os possíveis candidatos no decorrer da história, aparecem nomes como Maomé, Napoleão, Mussolini e outros (CULVER, 2006, p.141). É uma tarefa difícil e um tanto quanto perigosa apontar um personagem específico.

O que fica claro no texto paulino é que se trata de uma pessoa que aparece no cenário bem próximo da segunda vinda de Jesus:

A verdade é que o mistério da iniquidade já está em ação, restando apenas que seja afastado aquele que agora o detém. Então será revelado o perverso, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda. A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras (2Ts 2.7-9 – NVI).

O texto acima lança luz sobre a natureza dessa ação maligna e pessoal do anticristo. Culver (2006, p.141) observa que o bem e o mal crescem lado a lado no desenrolar da história, atingindo seu clímax na aparição do anticristo como pessoa, o qual se lança num conflito contra Cristo, pouco antes da segunda vinda. O contexto de 2 Tessalonicenses 2.1-10 indica um aumento exponencial do espírito anticristão, meio até mesmo de sinais e maravilhas, culminando no aparecimento da pessoa do anticristo.

Alguns grandes eventos precedem a *parúsia*. Entre eles está aquilo que os estudiosos denominam de “a grande apostasia”, marcada por sinais operados pelo anticristo:

Paulo resume o “ministério” do anticristo, mais uma vez destacando os paralelos com o ministério do Senhor. Em primeiro lugar, ele ressalta o princípio por trás dele — o poder ativo (*energeia*) de Satanás.

Depois ele descreve os milagres que o acompanham. São usadas três palavras, todas aplicadas a Cristo em outros trechos [...]. Vindo em poder, esses milagres revelam força sobre-humana; com os sinais, ensinam algum a verdade; como maravilhas, assombram as pessoas, enganadoras: Essa palavra de forma alguma quer dizer que os milagres não sejam genuínos; antes,

significa “falsas”, pois o ensino dos sinais é a falsidade (COUSINS, 2009, p.2043).

Enfim, embora não seja possível determinar claramente a identidade do anticristo, como personagem pessoal futuro, alguns sinais servem de referencial. Fica bastante claro na escatologia do Novo Testamento, que se trata de uma pessoa, e não simplesmente uma influência ou instituição. Entretanto, um prenúncio de sua maldade e influência no decorrer da história já se faz visível: “De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo” (2Jo 1.7,8 – NVI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos neste artigo o tema da escatologia cristã, principalmente aquele professo no protestantismo histórico. Emergiu dele a temática do anticristo, e suas múltiplas formas de entendimento. É certo que o mal sempre esteve acompanhando a caminhada do povo de Deus, seja por meio de influência ou por má institucionalização. O texto buscou

apontar, entretanto, aquela figura escatológica, ou seja, uma pessoa que se manifestará no final dos tempos.

Lembramos aqui o problema apresentado na introdução: Anticristo: uma influência do mal, uma instituição do mal ou uma pessoa com uma identidade específica? Fundamentados no uso de material teológico oriundo do protestantismo histórico, buscamos responder essas questões. As repostas indicam a possibilidade do anticristo como um princípio do mal agindo na história, bem como o mal atuando por meio das instituições. Contudo, sua operação final e completa ocorrerá ainda no final dos tempos, agindo na totalidade de sua maldade por meio de um personagem específico.

Difícilmente haverá a possibilidade de uma identificação exata da identidade desse futuro anticristo. Como exposto na pesquisa, tentativas foram feitas no decorrer dos séculos, vinculando esse personagem a pessoas como Maomé, Napoleão, Mussolini e outros. O fato é que haverá uma galgada do mal, culminado no aparecimento do homem da iniquidade, o filho da perdição. Isso não deve desanimar a comunidade do

povo de Deus, a qual anseia pelo retorno de seu Senhor e Salvador.

Considerando que a escatologia cristã carrega em seu bojo uma diversidade de outros assuntos, este artigo não teve a intenção de esgotar a matéria, muito menos explorar todos os elementos da teologia das últimas coisas. Restringimo-nos dentro do campo de estudo indicado nos objetivos. Incentivamos, diante disso, estudos em assuntos paralelos a este, como por exemplo os sinais do final dos tempos, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e juízo e as concepções milenaristas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2007.

COUSINS, Peter E. 1 e 2 Tessalonicenses. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2009.

CULVER, Robert D. Anticristo. In: PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ELLISON, H. L. **Mateus**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ERICKSON, Millard. **Dicionário Popular de Teologia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

HUBBARD, David A. **Anticristo**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 1**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

NUTE, Alan G. **Cartas Pastorais, 1, 2 Timóteo/Tito**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ORR, R. W. **1, 2 e 3 João**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SMITH, Wilbur M. **Livro do Apocalipse**. In: PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE, W. **Dicionário Vine: O significado Exegético e Expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

YOUNGBLOOD, Ronald. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.